

O “DRAMA EM GENTE” DE FERNANDO PESSOA, DAS CARTAS DE AMOR ÀS CARTAS ASTRAS

■ ANTÔNIO LEANDRO BARROS

<https://orcid.org/0000-0002-7950-7511>

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO

Em tratados clássicos, a troca epistolar é definida como o diálogo entre pessoas ausentes que, por meio das cartas, tornam-se presentes. Nesse sentido, este artigo propõe visitar a tão explorada noção de heteronímia que se notabiliza na obra de Fernando Pessoa nos debruçando em um ponto bem específico: sua efetiva aparição epistolar e seu desdobramento “cartográfico”. Pois é em cartas – a Casais Monteiro – que Pessoa explica a gênese dos heterônimos como um processo que começou justamente como troca de cartas com personagens inexistentes. Assim, interessa-nos cartografar nestas mesmas entrelinhas o jogo próprio do poeta de construir ali também, enquanto quem escreve e explica, as relações ao mesmo tempo entre autobiografia e “história direta” das suas despersonalizações. Para tanto, avançamos também em direção a algumas considerações feitas sobre suas cartas de amor – trocadas com Ofélia Queiroz, nas quais chegam a se intrometer concretamente alguns heterônimos – e suas cartas astrais (que envolvem, além de epístolas, as cartas que ele fez para si e para cada um dos seus heterônimos).

Palavras-chave: Fernando Pessoa. Carta. Autobiografia. Despersonalização. Drama.

ABSTRACT

THE “DRAMA EM GENTE” BY FERNANDO PESSOA, FROM LOVE LETTERS TO ASTRAL CHARTS

In classical treatises, epistolary exchange is defined as the dialogue between absent people who, through letters, become present. In this sense, this article proposes to revisit the much explored notion of heteronymy that stands out in the work of Fernando Pessoa, focusing on a very specific point: its effective epistolary appearance and its “cartographic” development. Because it is in letters (to Casais Monteiro) that Pessoa explains the genesis of heteronyms as a process that began precisely as an exchange of letters with non-existent characters. Thus, we are interested in mapping on these lines the

poet’s own game of constructing there, as the one who writes and explains, the relations at the same time between autobiography and the “direct history” of his depersonalizations. In order to do so, we also move towards some considerations made about his love letters (exchanged with Ofélia Queiroz, in which some heteronyms actually interfere) and his astral writings (which involve, in addition to epistles, the charts he made to himself and for each of its heteronyms).

Keywords: Fernando Pessoa. Letter. Autobiography. Depersonalization. Drama.

RESUMEN EL “DRAMA EM GENTE” DE FERNANDO PESSOA, DE LAS CARTAS DE AMOR A LAS CARTAS ASTRALES

En los tratados clásicos, el intercambio epistolar se define como el diálogo entre personas ausentes que, a través de las cartas, se hacen presentes. En este sentido, este artículo se propone revisar la muy explorada noción de heteronimia que se destaca en la obra de Fernando Pessoa, centrándose en un punto muy específico: su efectiva apariencia epistolar y su desarrollo “cartográfico”. Porque es en cartas (a Casais Monteiro) que Pessoa explica la génesis de los heterónimos como un proceso que comenzó precisamente como un intercambio de cartas con caracteres inexistentes. Así, nos interesa mapear en estas entre líneas el propio juego del poeta de construir ahí, como quien escribe y explica, las relaciones a la vez entre autobiografía e “historia directa” de sus despersionalizaciones. Para tanto, nos aproximamos también a algunas consideraciones realizadas sobre sus cartas de amor (intercambiadas con Ofélia Queiroz, en las que interfieren algunos heterónimos) y sus cartas astrales (que implican, además de las epístolas, las cartas que ha hecho para sí mismo y para cada uno de sus heterónimos).

Palabras clave: Fernando Pessoa. Carta. Autobiografía. Despersionalización. Drama.

Introdução

A poética de Fernando Pessoa é, sobretudo, célebre pela criação dos heterônimos de Alberto Caeiro, Ricardo Reis, e Álvaro de Campos: cada qual um poeta notável, com produção consistente, e independentes do próprio Pessoa – a ponto de ele terminar por responder a essas criações também publicando “seus próprios” poemas como “Pessoa or-

tônimo” em contraposição a eles. Esse jogo que consagrou seu nome biograficamente na mesma medida com que consolidou o caráter da sua despersionalização é ainda hoje tema de diversas abordagens teóricas, começando pelas poucas que o próprio Pessoa legou. A principal delas é uma longa carta, escrita no ano da sua morte.

Assim, recordando como classicamente a troca epistolar era compreendida como o diálogo entre pessoas ausentes que, por meio das cartas, tornavam-se presentes, neste artigo procuramos problematizar precisamente o fato de que estas explicações pessoais para a sua despersonalização gritante estejam compostas em um tipo de texto marcadamente personalizante. Interessa-nos investigar, portanto, que plano de composição se estabelece nesse jogo e com que consistência. Para tanto, propomos considerar não só essas cartas explicativas, mas avançá-las também até considerações sobre as cartas de amor que Pessoa trocou com Ofélia Queiroz, e as cartas astrais que Pessoa trocou com suas criações heteronímicas, visto que, nesses diferentes conjuntos de cartas, a polaridade (auto)biografia e despersonalização termina por dar a ver um plano mesmo de existência, embora ficcional.

Cartas explicativas

As primeiras cartas que nos interessam destacar são as que Pessoa escreveu ao amigo e crítico, Adolfo Casais Monteiro, em janeiro de 1935. Este era um jovem talento da cena literária portuguesa, e já figurava como diretor da revista *Presença*. Nos diversos números de *Presença*, desde 1927, encontra-se abundante colaboração de Pessoa nas suas várias figuras: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, e mesmo Bernardo Soares. E foi no seu número 17 (1928) que se publicou a *Tábua Bibliográfica* escrita por Fernando Pessoa, espécie de biografia literária na qual por primeira vez ele desenvolveu uma explicação sobre sua tão singular produção poética entre heterônimos e ortônimo, o que ele apresentava enfim na fórmula que ficaria eminente do “drama em gente, em vez de em actos.”¹ A data também é

1 PESSOA. *Tábua Bibliográfica*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/672>. Todas as consultas ao Arquivo Pessoa citadas neste artigo se deram na data

relevante, pois o poeta viria a falecer naquele mesmo ano, com apenas 47 anos, e havia acabado de publicar seu único livro em língua portuguesa, *Mensagem*. Antônio Ferro, antigo colega da revista *Orpheu* e na época nomeado diretor do Secretariado de Propaganda Nacional do regime salazarista, havia criado em 1933 os prêmios literários do governo e convenceu Pessoa a publicar *Mensagem* a fim de concorrer na categoria de poemas. Embora seus poemas fossem uma apologia à história, cultura e ao sentido de Portugal, o tom sebastianista que concluía com Portugal ainda em paralisia à espera do Quinto Império parece ter desagradado o espírito de propaganda governamental do concurso, e *Mensagem* ganhou apenas para o “segundo prêmio”.

É em meio a toda essa atmosfera confusa que Casais Monteiro escreve à Pessoa com certa crítica àquela estreia – Monteiro era ferrenho opositor ao salazarismo –, e o faz três questionamentos: qual seria o plano futuro das publicações do poeta, qual a gênese dos heterônimos, e afinal qual sua relação com o ocultismo.

A resposta de Pessoa começa justamente afirmando que não se desfazia das críticas do amigo, chegando a aprovar e louvar o que chamou de sua “independência mental”. Concorde então que não foi feliz sua estreia com *Mensagem*, “mas foi a melhor estreia que eu poderia fazer”. Esses parágrafos são, a despeito da aparência, já bastante refinados. Antes um apoiador do golpe na República de 1926, Pessoa estava em fase crítica ao regime de Salazar. Todavia, Pessoa não se desfaz de *Mensagem*: na carta, reafirma seu livro, mas como uma faceta secundária de sua personalidade que nunca tinha sido suficientemente manifestada nas revistas, sendo ele “de facto, um nacionalista místico, um sebastianista racio-

em 10 de agosto de 2022, conforme se reafirma nas referências.

nal. Mas sou, à parte isso, e até em contradição com isso, muitas outras coisas”. No que já sugere que o problema de suas publicações vai casado com a questão dos heterônimos e também do ortônimo.²

De fato, Pessoa teve sempre incerteza de qual ordem ou método empregaria para a publicação da multiplicidade da sua obra. Mas é possível que o prêmio financeiro alimentasse nele – que vivia com muito pouco, e cada vez com menos – a esperança de enfim conseguir se equilibrar para efetivar um plano de publicações ainda naquele ano. No entanto, anuncia que tal plano abarcaria todas as facetas do “Fernando Pessoa ele mesmo”, mas não de nenhum dos heterônimos. Novamente, num trecho muito rápido, o poeta complica a questão heteronímica antes de chegar à explicação da sua gênese. Não só segue reafirmando uma variedade de facetas do ortônimo, como, junto a isso, insiste em caracterizar descritivamente cada qual dos heterônimos como singularidades subtraídas dele próprio.

Passa, então, a responder sobre a segunda questão de Casais Monteiro, começando “pela parte psiquiátrica”. Ele se pensa, então, como histérico-neurastênico cujos fenômenos, ao invés de se manifestarem na vida prática, “fazem explosão para dentro”. Argumenta que nele essa condição “se mentalizou” convertendo o que seriam ataques em silêncio e poesia. Portanto, “a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação.”. Ao que avança o argumento em retrospectiva: a “história directa dos meus heterônimos” se inicia nos traços biográficos que remetem à tenra infância: o “primeiro heterônimo, ou, antes, o meu primeiro conhecido inexistente” foi certo Chevalier de Pas.

É assim, construindo paradoxalmente uma

2 Todas as citações conforme PESSOA. *Carta a Adolfo Casais Monteiro - 13 Jan. 1935*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3007>.

trajetória biográfica mínima junto ao aparecimento imediato e espontâneo de figura alheias a ela, que Pessoa chega à história da gênese dos seus “heterônimos literários” – que aqui achamos por bem transcrever integralmente:

(...) lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 – acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, *O Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a *Chuva Oblíqua*, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro.

Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a *Ode Triunfal* de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem. (PESSOA, *ibidem*).

Por ora, destacamos sumariamente quatro pontos: 1) foi sem programa ou projeto de criação heteronímica que os heterônimos surgi-

ram, “num dia [bastante específico] em que finalmente desistira” e “imediate e totalmente”, isto é, sem gradação construtiva, sem revisões de personalidade, mas como pessoas mesmas externas e prontas; 2) e surgiram primeiro em escrita e texto, isto é, em obras, e só depois em figura, nome, singularidades e outras biografias mínimas – portanto, os sujeitos são como obras de suas obras; 3) aparecem como em cadeia, um reagindo ao outro, na interação, negação ou estímulo com o trabalho e estilo dos demais; 4) sobretudo, a despersonalização poética é completa precisamente na medida mesma em que exige de pronto uma reação do “Pessoa ele mesmo”, isto é, a criação do ortônimo em vez da manutenção de um autônimo. Já não é mais o Fernando Pessoa quem escreve poemas em nomes outros (pseudônimos) e nem em nome próprio (autônimo), o “próprio” se altera na figura de “Pessoa ele mesmo”, interagindo com os heterônimos ao ponto de ter um deles como seu mestre.

Casais Monteiro parece ter notado rapidamente o quanto a realidade desse “drama em gente” ali em carta não deixava de se complicar. Essa primeira carta foi publicada pelo próprio Monteiro após a morte de Fernando Pessoa numa edição de *Presença* em 1937. Acompanhava a publicação um comentário do destinatário da missiva em que a considerava como ao mesmo tempo documento, página autobiográfica, e também criação literária, tudo junto contribuindo ainda mais para a “explicação” da questão dissimulativa da heteronímia/ortonímia. A nós também, parece impossível separar essas categorias nessa carta. Por exemplo, o elemento do “dia triunfal” já foi devidamente esclarecido como composição narrativa inclusive envolta em especulações astrológicas (CAVALCANTI FILHO, 2011, p. 228-229).

Outro elemento é a cuidadosa e bem temperada forma como Pessoa insiste aqui e ali

durante toda a carta em colocar em dúvidas sua própria lucidez ou estabilidade mental para fornecer uma explicação da gênese heteronímica segundo o “Pessoa ele mesmo”, isto é, ausentando de tempos em tempos a capacidade do Fernando de se fazer presente na sua própria narrativa em carta: “quaisquer que sejam os meus defeitos mentais, é nula em mim a tendência para a mania da perseguição”; “coincidiu, sem que eu o planeasse ou o premeditasse (sou incapaz de premeditação prática)”; “não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurastênico. Tendo para esta segunda hipótese”; “estou escrevendo depressa, e quando escrevo depressa não sou muito lúcido (...) É para que saiba com quem está lidando, meu caro Casais Monteiro!”.

Ao mesmo tempo, se a tradição epistolar supõe o diálogo entre pessoas ausentes que, por meio das cartas, tornam-se presentes, Pessoa dobra a aposta de sua presença valendo-se do paradigma filosófico clássico de que a voz e a fala é que são as presenças insubstituíveis à escrita – caso eminentemente socrático-platônico. Assim, vez por outra, reforça ao destinatário sua presença completa:

(Interrompo. Não estou doido nem bêbado. Estou, porém, escrevendo directamente, tão depressa quanto a máquina mo permite, e vou-me servindo das expressões que me ocorrem, sem olhar a que literatura haja nelas. Suponha — e fará bem em supor, porque é verdade — que estou simplesmente falando consigo).

(...) Em eu começando a falar — e escrever à máquina é para mim falar —, custa-me a encontrar o travão. Basta de maçada para si, Casais Monteiro! (PESSOA, *ibidem*).

E termina, precisamente, o trecho de carta sobre a gênese dos heterônimos confundindo de forma ostensiva as duas coordenadas:

Nesta altura estará o Casais Monteiro pensando que má sorte o fez cair, por leitura, em meio de

um manicômio. Em todo o caso, o pior de tudo isto é a incoerência com que o tenho escrito. Repito, porém: escrevo como se estivesse falando consigo, para que possa escrever imediatamente. Não sendo assim, passariam meses sem eu conseguir escrever. (PESSOA, *ibidem*).

Tudo isso visto, gostaríamos enfim de nos debruçar num trecho anterior, entre a “explicação psiquiátrica” e logo antes da “gênese dos heterônimos literários”, justo quando ele narra a “história da mãe que os deu à luz”, ou seja, como essa tendência à despersonalização se manifestou biograficamente na sua infância. Primeiro, porque esse trecho encontra-se todo rascunhado noutro papel, somente publicado em 1966.³ Esse fato, por si só, já pelo menos suspende a proclamada espontaneidade “como quem fala” e a imprecisão “de lucidez” com que Pessoa respondia ao amigo Casais Monteiro. Por exemplo, na carta, realmente enviada ele afirma que além Chevalier de Pas, “lembro-me, com menos nitidez, de uma outra figura, cujo nome já me não ocorre mas que o tinha estrangeiro também”, porém no rascunho encontramos junto do Chevalier o nome de “capitão Thibeaut”. Mas isso está longe de ser o mais importante. Se no sentido geral a carta enviada segue muito próxima ao rascunho, o que se destaca como apelo sutil na versão final é um detalhe decisivo que não se encontra no rascunho: “o meu primeiro heterônimo, ou, antes, o meu primeiro conhecido inexistente — um certo Chevalier de Pas dos meus seis anos, *por quem escrevia cartas dele a mim mesmo*”. Essa diferença metalinguística, em que um “cavaleiro de nada” se figura como quase-gente, deveria ser fatal para a leitura de toda essa construção narrativo-teórica da carta a Casais Monteiro.

Por certo, já não se trata mais aqui na es-

crita de cartas de um outro para o próprio Pessoa, contudo fica patente por um gesto revisado de construção literária o quanto Pessoa não deixa escapar como a natureza mesma da troca epistolar favorece e até alimenta o empreendimento heteronímico. O jogo de ausência-presença que tradicionalmente a caracteriza pode ganhar na elaboração poética pessoana, tão ligada aos interstícios, uma substância própria. Vejamos noutro conjunto de cartas como isso pode ser mais concretamente admitido.

Cartas de amor

Exatamente no número anterior de *Presença* em que Casais Monteiro publicou a sua carta pessoana explicativa (nº 49), a revista teve uma edição em homenagem ao poeta recém-falecido (nº 48) em que por primeira vez se apresentou passagens de diversas cartas de amor que Pessoa escreveu à Ofélia Queiroz, a jovem por quem ele se apaixonou enquanto trabalhavam juntos num escritório comercial; ele tradutor, ela datilógrafa. A totalidade, porém, dessas cartas só viria a ser revelada bem mais tarde: em 1978, foram publicadas as cartas dele, e só em 1996 – 5 anos após a morte de Ofélia – foram publicadas também as dela para ele.

A atitude com que a crítica geral no primeiro momento as recebeu foi de certo estranhamento pela aparente figuração mais concreta do Fernando Pessoa fora da realidade dramática das suas ficções e absorvido na vida cotidiana, com suas linguagens e afetos mais triviais e até mesmo ridículos; como sentenciam um poema de Álvaro de Campos que passou a ser diretamente associado a essas cartas publicadas.⁴ Conforme o posfácio de Mourão-Ferreira na própria publicação das cartas, é

3 *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. Fernando Pessoa.* (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966, p.101. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4264>.

4 “Todas as cartas de amor são / Ridículas. / Não seriam cartas de amor se não fossem / Ridículas.” Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/2492>.

“[...] como anti-ficções, como documentos de evidente e maciça autenticidade é que não deixa de ser plausível que ele tenha desejava conservá-las”. (1994, p.184) Essa antificção ou contraparte de personalidade própria de um sujeito fora de suas criações literárias se apresentando necessariamente em cartas, ressoou até mesmo a suposta espontaneidade repetida por Pessoa nos seus argumentos à Casais Monteiro. Carlos Queiroz, ninguém menos que o sobrinho de Ofélia e promotor involuntário da retomada das trocas de carta na segunda fase, também ele poeta e ensaísta, e que como colaborador tinha estabelecido a ponte em vida entre Pessoa e a revista *Presença*, e organizado a primeira publicação das cartas na edição de nº 48 da mesma revista após a morte do poeta, Queiroz postulava uma “[...] evidente espontaneidade dessas cartas” nas quais “não se encontra um vestígio de premeditação formal, de voluntária intelectualidade”. (*apud* MOURÃO-FERREIRA, 1994: p. 192)

De fato, a leitura das cartas dá motivos óbvios para tal crítica. A começar pela linguagem mesmo que os amantes, em particular Pessoa, manejam nelas. Transcorre em grande número a mais acabada comunicação telegráfica de banalidades, formal e temática, entre meras queixas, informações sobre estados de saúde, tentativas de acertar locais e tempos de encontro... e tudo recheado com as palavras-carinho infantilizadas, os diminutivos, e também nomes provocativos, que tão correntemente demarcam a comunicação amorosa: “Ophelinha”; “meu Fernandinho”; “Ninhinha”; “Bebêzinho do Nininho-ninho”; “bebê anjinho”; “bebê fera”; “víbora”; “vespa vespíssima” etc. Ou ainda as sugestões mais eróticas, por exemplo, com que ambos se referem aos seios de Ofélia como “pombinhos”.

Todavia, como tão bem enfatizou Perrone-Moisés (2000, p. 178), “[...] ver apenas o trivial

dessas cartas é ser cego para as formulações paradoxais e fulgurantes, no melhor estilo Pessoa, Campos ou Reis, que alternam com as pieguices aludidas. Enfim, insistir nesse primeiro ponto – o do ridículo das cartas – é absolutamente... ridículo.” Afinal, alguns elementos de pura banalidade já seriam suficientes para sugerir que mesmo essas cartas não são expressões simplesmente espontâneas e descompromissadas, ainda que isso não chegue a constituir por si uma construção literária. Seria o caso de quando Pessoa registra para Ofélia – carta de 18 de março de 1920 – que estava escrevendo noutro estilo (o dela) porque o fazia constrangido pela presença próxima de Osório, isto é, preferindo maior formalidade a fim de que aquele não pudesse espiar seus dizeres mais românticos;⁵ trecho que inclusive levou José Gil a já arriscar um “devir-estilo-de-Ofélia” (2010, p. 55). Outro exemplo no extremo oposto a esse é o da carta de 31 de maio de 1920, em que o já maduro poeta português força a mão na estilização da pieguice infantilizada, contrastando ao mesmo tempo com o rigor e profundidade dos seus poemas, mas também com a espontaneidade da comunicação a dois entre amantes: “venho só quevê pã dizê ó Bebezinho que gotei da catinha dela. Oh! E também tive munta pena de não tá ó pé do Bebê pã le dá jinhos. Oh! O Nininho é pequenininho”.⁶

Noutra carta, encontramos como que um *leitmotif* daquela carta a Casais Monteiro de anos mais tarde: a fim de situar a escrita na espontaneidade, improvisado e imediatez, quando não na sinceridade de sentimentos do autor, Pessoa de antemão parece elaborar uma cena sob medida para parecer assim.

5 PESSOA. *Carta a Ophélia Queiroz - 18 Mar. 1920*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1310>.

6 A carta vai assinada “Fernando”, e ainda contém o desenho a mão de um pé de meia no trecho entre parêntesis do texto. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3792>.

Querida Ibis:

Desculpa o papel impróprio em que te escrevo; é o único que encontrei na pasta, e aqui no Café Arcada não têm papel. Mas não te importas não? (Carta à Ophélia Queiroz - 31 Jul. 1920)⁷

Meu prezado Camarada:

Muito agradeço a sua carta, a que vou responder imediata e integralmente. Antes de, propriamente, começar, quero pedir-lhe desculpa de lhe escrever neste papel de cópia. Acabou-se-me o decente, é domingo, e não posso arranjar outro. Mas mais vale, creio, o mau papel que o adiamento. (Carta a Adolfo Casais Monteiro - 13 Jan. 1935)⁸

No entanto, há efetivamente uma questão de fundo bem mais relevante para nossa questão aqui do que a mera implicância com os pormenores de estilo cartográfico. Pois, acompanha toda essa troca de cartas um jogo próprio desse amor que não isenta – ao contrário, contrai – a poética pessoana do drama em gente. Desde a primeira carta que ele lhe envia. Ou melhor, desde o começo do namoro que se dá exatamente na troca de cartas. Eis como a própria Ofélia narrou o evento:

Um dia faltou luz no escritório. (...) Um pouco antes da hora da saída, atirou-me um bilheteinho por cima da secretária que dizia: 'Peço-lhe que fique'. Eu fiquei, na expectativa. Nessa altura, já eu me tinha apercebido do interesse do Fernando por mim e eu, confesso, também lhe achava uma certa graça...

Lembro-me que estava em pé, a vestir o casaco, quando ele entrou no meu gabinete. Sentou-se na minha cadeira, passou o candeeiro que trazia na mão e, virando para mim, começou de repente a declarar-se, como Hamlet se declarou a Ofélia: 'Oh, querida Ofélia! Meço mal os meus versos; careço de arte para medir os meus suspiros; mas amo-te em extremo. Oh! Até do último extremo, acredita!'

Fiquei perturbadíssima, como é natural, e, sem

saber o que havia de dizer, acabei de vestir o casaco e despedi-me precipitadamente. O Fernando levantou-se, com o candeeiro na mão, para me acompanhar até a porta. Mas, de repente, pousou-o sobre a divisória da parede: sem eu esperar, agarrou-me pela cintura, abraçou-me e, sem dizer uma palavra, beijou-me, beijou-me, apaixonadamente, como louco...

Fui para casa, comprometida e confusa. Passaram-se dias e, como o Fernando parecia ignorar o que se havia passado entre nós, resolvi eu escrever-lhe uma carta, pedindo-lhe uma explicação. É o que dá origem a sua primeira carta-resposta, datada de 1 de Março de 1920.

Assim, começamos o "namoro"... (Queiroz *apud* Klobucka, 2007, p. 229).

Vale recuperar Perrone-Moisés, que destaca que a relação entre poeta/tradutor e datilógrafa já começa por escrito através do bilhete que Pessoa lhe joga, sobretudo a primeira declaração de amor dele para ela foi precisamente pela interposição de uma personagem literária. "E que personagem!" (ibid, 2000, p. 176). Sim, porém para além do mau agouro envolvendo o nome da amada – na peça a personagem suicida por desilusão amorosa causada pelo comportamento errante e pouco lúcido do seu amado –, trata-se do personagem shakespeariano por excelência, o último grau de despersonalização que Pessoa identificava na sua escala entre a lírica e o drama.⁹ Personagem sempre relutante em agir, que não só se vale explicitamente do artifício artístico para dar andamento aos seus propósitos, como deliberadamente confunde nas suas expressões as coordenadas entre lucidez e loucura para com os demais personagens e até mesmo com o espectador da peça. Não fosse o bastante, segundo a narração de Ofélia depois de toda

7 Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1424>.

8 Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3007>.

9 PESSOA. *Dividiu Aristóteles a poesia em lírica, elegíaca, épica e dramática*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/4306>. Noutro texto Pessoa sugere um passo além desse último grau: o dos heterônimos. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1728>.

aquela cena teatral com recitação e a luz de velas, Pessoa segue os dias como se nada tivesse acontecido; nada além de uma cena. E é isso que força Ofélia a iniciar a troca de cartas: logo, o namoro propriamente começa nas cartas.

Nesse sentido, a primeira carta de Pessoa (de 1º de março de 1920), sua resposta ao questionamento da amada, é novamente muito curiosa. Toda ela é um jogo manhoso e insidioso, quase artificioso mesmo, acerca da sinceridade e do fingimento entre os que se amam e entre os que escrevem cartas. Afinal, na verdade, essas primeiras cartas vão envolvidas em um triângulo amoroso, vez que Ofélia já tem um pretendente e disso faz caso questionando então se o amor de Fernando seria sincero e bastante para merecer o sacrifício que estava por fazer contra o outro rapaz. A resposta de Pessoa a toda essa circunstância, que se desenvolve desde a declaração shakespeariana no escurinho do escritório, é doída e começa marcada pelas acusações de que ela não se confessava ali realmente, e novamente pela questão de que a fala seria mais presente, mas a escrita é mais sentida:

Para me mostrar o seu desprezo, ou, pelo menos, a sua indiferença real, não era preciso o disfarce transparente de um discurso tão comprido, nem da série de «razões» tão pouco sinceras como convincentes, que me escreveu. Bastava dizer-mo. Assim, entendo da mesma maneira, mas dói-me mais.¹⁰

Segue assim afirmando que ela poderia preferir quem quisesse, sem nem sequer a necessidade de fingir que o amava, ataca novamente a própria escrita “que mais parece requerimento de advogados. O amor não estuda tanto as coisas, nem trata os outros como réus que é preciso ‘entalar’”, e insiste na falta de franqueza da moça, suas “afeições fingidas”.

10 PESSOA. *Carta a Ophélia Queiroz – 1 mar. 1920*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1306>.

Tudo para, em contraste, encaminhar ao final da carta o tanto que ele lhe ama. A última frase, no entanto, volta a colocar tudo em jogo: “Aí fica o ‘documento escrito’ que me pede. Reconhece a minha assinatura o tabelião Eugênio Silva.”

Contudo, enquanto os enredamentos avançam, em carta de 20 de março de 1920, em que Pessoa continua suas queixas dos últimos dias sobre a precariedade da sua saúde, ele inverte a expectativa expressiva dos afetos, no modo absolutamente peculiar com que ele afirmava sua obra poética:

Compreendo que uma pessoa doente é maçadora, e que é difícil ter carinhos para ela. Mas eu *pedia-te apenas que fingisses esses carinhos, que simulasses algum interesse por mim*. Isso, ao menos, não me magoaria tanto como a mistura do teu interesse por mim e da tua indiferença pelo meu bem-estar. (...)

*Adeus, amorzinho, faz o possível por gostares de mim a valer, por sentires os meus sofrimentos, por desejares o meu bem-estar; faz, ao menos, por o fingires bem.*¹¹

À medida que o relacionamento se complicava, também se complicavam as entrelinhas cartográficas; ou, antes, as entrelinhas e o relacionamentos se complicavam um no outro. A inversão do dia 20 era consequente aos questionamentos que Ofélia fez a Fernando nos dias anteriores a partir de uma suposta fofoca que lhe teria chegado de que ele tinha outra amante – donde se compreende melhor o porquê dela talvez não ter sequer fingido atenções mais carinhosas com o estado de saúde por que passava Pessoa. A resposta escrita dele, no dia anterior (19 de março de 1920), é mais uma vez bastante curiosa. Por um lado, perfeitamente banal enquanto artifício usual dos amantes que se esquivam de fofocas do tipo: desacreditá-la. Por outro, Pessoa o faz

11 PESSOA. *Carta à Ophélia Queiroz – 20 mar. 1920*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1324>.

não apenas deslegitimando o conteúdo ou o emissor da fofoca, mas sim desacreditando sua própria existência:

Sobre a informação, que te deram a meu respeito, não só quero repetir que é inteiramente falsa, como também dizer-te que a 'pessoa de respeito', que deu essa informação a tua irmã, ou inventou por completo, e, sobre ser mentirosa, é doida; ou essa pessoa nem sequer existe, e foi tua irmã que a inventou — não digo que inventou a pessoa, mas que inventou que determinada pessoa lhe disse uma coisa que ninguém lhe disse. (...)

Mais uma coisa: se a tal 'pessoa respeitável' existe (o que duvido), vê que fins pessoais poderá ter para me afastar de ti. Vê se não haverá, quando menos, fins de amizade para com qualquer outro pretendente teu. Mas essa 'pessoa respeitável' deve ser parenta do sr. Crosse, com certeza — quanto à existência real. — Amanhã cá te espero no escritório à hora combinada.¹²

Embora no começo da carta ele pondere "não digo que inventou a pessoa", no final, ele reestrutura a cisma de forma sutil. Paralelamente, repete a dúvida existencial e dá certeza dessa existência real aparentando a "pessoa respeitável" com o Sr. Crosse. Mas quem é Sr. Crosse? É a primeira aparição nas cartas à Ofélia de uma das figuras inexistentes da constelação criativa de Pessoa. Não chega a ter personalidade o suficiente para o *status* de heterônimo — que talvez, inclusive, revise a ponderação com que Pessoa abria a carta —, mas caracteriza-se por participar de concursos de charada e jogos de palavras em grandes jornais britânicos.¹³ Ainda mais relevante é que essa sua aparição não se limitará ao desarme da intriga fofoqueira. A partir daí, ele será as-

sunto de algumas cartas, de lado a lado. Nessa paulatina, mas crescente pressão para que Pessoa assuma de forma mais efetiva o relacionamento e seu compromisso futuro, o poeta passa a condicionar a ideia de casamento à sorte de Crosse nos seus concursos.¹⁴

Mas, como já dito, impressiona que Ofélia mesma entre no jogo. Ora ela incentiva sua sorte garantindo que Crosse é muito inteligente, ora diz que dele não se esquece ou que para a sorte dele irá rezar, ora lamenta sua falta de premiações. Na última carta de Pessoa mencionando o amigo concurseiro que tinha por missão auxiliá-los, o poeta relembra como o dia junto à Ofélia foi agradável em tudo, exceção à saúde desse amigo. Conforme se lê, as últimas trocas, físicas e de papel, entre os amantes, parecem ter cristalizado a atração mais completa por Ofélia: cada vez mais "corpinho de tentação", e no que talvez fosse mais importante para ele "muito má, excepto numa coisa, que é na arte de fingir, em que vejo que é mestra."¹⁵ Mas exatamente isso parece colocar um perigo ao poeta, parece lançar o relacionamento a um nível comprometido demais para ele que tão pouco era ele mesmo. Não só "açóites é que tu precisas", mas admitindo certa bebedeira aparece na cena epistolar ninguém menos que Álvaro de Campos.

Simultâneo à queda de saúde e desaparecimento do inexistente Crosse, favorável ao relacionamento, acena ainda de dentro de parênteses o mais exaltado dos heterônimos, que se mostrará pouco a pouco um adversário do romance. No final do mesmo mês, Campos volta a figurar em parênteses, porém mais desafiado, afirmando que quem a viu na rua naquele dia tinha sido ele.¹⁶ Nos meses seguintes, essa dinâmica ressurgue aqui e ali de maneiras va-

12 PESSOA. *Carta à Ophélia Queiroz - 19 mar. 1920*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1319>.

13 Não confundir este A.A. Crosse com seus parentes, os outros Crosse elaborados por Pessoa: seu irmão I.I. Crosse, divulgador de Caeiro e de Campos, e Thomas Crosse, tradutor e ensaísta inglês com tendências épico-ocultista, divulgador da cultura portuguesa.

14 PESSOA. *Carta à Ophélia Queiroz - 22 mar. 1920*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1330>.

15 PESSOA. *Carta à Ophélia Queiroz - 05 abr. 1920*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1552>.

16 PESSOA. *Carta a Ophélia Queiroz - 27 abr. 1920*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1587>.

riadas, mas de modo que Ofélia se sente de fato incomodada com a presença de Campos: “limpa as lágrimas, Bebê mau! Tens hoje do teu lado o meu velho amigo Álvaro de Campos, que em geral tem sido só contra ti. Alegra-te! Só vale a pena o que se consegue com esforço.”;¹⁷ “Hoje sentir-me-ia muito melhor se pudesse contar com ir logo a ver a Nininha, e vir para baixo de Belém com ela, e sem o Álvaro de Campos; que ela, naturalmente, não gostaria que esse distinto engenheiro aparecesse”.¹⁸ Atravessam essas cartas quase sempre o tema da saúde de Fernando, não raro das suas condições mentais, que vão ajudando a minar o amor entre eles na medida em que dá a escapar maiores compromissos (portanto, ainda em paralelo de fundo com as despersonalizações de Hamlet e Shakespeare). Até que, em carta de outubro, insistindo no tema e já com o desgaste acentuado, Fernando escreve: “Afim o que foi? Trocaram-me pelo Álvaro de Campos!”.¹⁹ Pessoa só voltaria a lhe escrever em fins de novembro e para aceitar o fim do romance. A carta é uma das mais bonitas, mas termina registrando que o real concorrente desse amor, bem como de qualquer amor para Pessoa, não era nem outra mulher, nem apenas o Álvaro de Campos, mas o projeto poético e de vida que se amalgamavam no seu “drama em gente”:

Fiquemos, um perante o outro, como dois conhecidos desde a infância, que se amaram um pouco quando meninos, e, embora na vida adulta sigam outras afeições e outros caminhos, conservam sempre, num escaninho da alma, a memória profunda do amor antigo e inútil. (...) isto de ‘outras afeições’ e de ‘outros caminhos’ é consigo, Ophelina, e não comigo. O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ophelina nem sabe, e está subordinado cada

vez mais à obediência a Mestres que não permitem nem perdoam.

Não é necessário que compreenda isto. Basta que me conserve com carinho na sua lembrança, como eu, inalteravelmente, a conservarei na minha.²⁰

A segunda fase de trocas de cartas vem ainda mais marcada por essas inseguranças quanto à sanidade de Fernando Pessoa. Nove anos depois do desenlace, Ofélia viu uma foto de Pessoa dada ao seu referido sobrinho, Carlos Queiroz, e manifestou que gostaria de uma também. Intermediado por Carlos, Pessoa atende à solicitação. Na imagem, o poeta está de lado, bebendo no balcão do bar Abel. Na dedicatória, escreve: “Fernando Pessoa em flagrante delíto”. A conjunção dessa imagem lateral envolvida pelo álcool com o trocadilho que complica o “flagrante” parece prognóstica. Ofélia escreve agradecendo a foto e assim retomam por breve período a troca de cartas. Embora cada vez menos uma troca e mais um monólogo de Ofélia, Álvaro de Campos passa a figurar com ainda mais presença e ousadia. Chega ele mesmo a escrever uma carta à Ofélia em tom crítico ao Fernando e com admoestações a ela que teriam sido ditadas pelo amigo, que por problemas mentais não podia se comunicar.²¹ No dia seguinte, Pessoa é quem volta a lhe escrever, mas para elogiar o amigo Campos e informar que não poderá vê-la porque já tinha compromissos com heterônimo, que aliás teria coisas a dizê-la – que o próprio Pessoa não conhecia –, mas somente o faria em presença.²² Complicando o próprio jogo,

17 PESSOA. *Carta a Ophélia Queiroz - 28 maio 1920*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3767>.

18 PESSOA. *Carta a Ophélia Queiroz - 28 maio 1920*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3767>.

19 PESSOA. *Carta a Ophélia Queiroz - 15 out. 1920*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1457>.

20 PESSOA. *Carta a Ophélia Queiroz - 29 nov. 1920*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1464>. Sobre esse trecho, Perrone-Moisés comenta: “O início desse trecho é ‘Bernardo Soares’, o miolo é ‘Ricardo Reis’, e a conclusão é de Fernando ele mesmo, em sua humana condição. O escandaloso Álvaro de Campos fica fora desse grave acerto final.” (ibid, p. 184).

21 PESSOA. *Carta à Ophélia Queiroz - 25 set. 1929*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3667>.

22 PESSOA. *Carta à Ophélia Queiroz - 26 set. 1929*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3672>.

noutra carta adiante assina Fernando, mas o texto, que a chama de "bebê fera" e pergunta se ela gosta dele ou não, é claramente de Campos (09/10/1929). Finalmente, a última carta (11/01/1930) não diz muito mais do que a autorização de Campos para que o Pessoa ali copiasse um poema do amigo. O desânimo de Ofélia já era patente a ponto de deixar sem resposta as últimas cartas enviadas pelo poeta. Dessa vez, ela mesma viria a reconhecer em que grau hamletiano estava a explicação pessoana para o término de nove anos atrás: "O Fernando estava diferente. Não só fisicamente, porque tinha engordado bastante, mas, e principalmente, na sua maneira de ser. Sempre nervoso, vivia obcecado com a sua obra [...] Todo o resto lhe era indiferente". (*apud* PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 177) Anos depois de suas desventuras amorosas com o poeta, Ofélia enfim viria a se casar, com um teatrólogo.

Acabou-se o namoro e, pode-se dizer, venceu Álvaro de Campos. Nenhum dos críticos deixou de observar que este era, declaradamente, o homossexual da *coterie*, e que, portanto, só podia detestar Ofélia. O mais extraordinário e menos observado pelos críticos é que Ofélia se prestou ao jogo. Em seu afã de agradar Fernando, ela tratava Campos como um ser de carne e osso. Não desprovida de humor, mas desprovida de malícia, ela ajudou, assim, a obra destrutiva do engenheiro. (*ibid*, p. 181).

Dado, enfim, o contraste entre as circunstâncias reais sempre tão limitadas para o amor de Fernando e Ofélia em comparação com a intensidade das emoções e das declarações, os grandes planos, as intrigas existentes e mesmo inexistentes etc. são fácies de concordar com Perrone-Moisés de que as cartas não foram um acompanhamento do namoro, mas o próprio namoro (*ibid*, p. 176). Porém, seria pobre concluir apenas nisso, como se o romance e o amor entre eles tivessem sido somente artificiais, um exercício textual sem consistência com o real. Nos parece que a fórmula defen-

dida por Mangabeira é mais sagaz e acertada: "[...] não se trata de cartas de amor, mas de cartas que são o amor, nas quais o ato de escrever não é a mera expressão do sentimento, mas a realização plena do mesmo.". (2016, p.31)

(...) as cartas são um *locus* relevante da experiência amorosa. Contudo, deve-se ir além: sendo o amor atravessado pelos discursos que não apenas o expressam, mas que também são seus planos de existência, são a realidade amorosa como uma ficção epistolar e a ficção epistolar como uma realidade amorosa. (*ibid*, p. 32).

De fato, como também destacou Mateus Lourenço, é sobretudo pelas intromissões de Álvaro de Campos que se evidencia como as coordenadas tradicionais do jogo epistolar ficam todas desorientadas: aquele ausente que se faria presente pela carta, dela se ausenta para presentificar um outro, inexistente, que, conseqüentemente, exige da destinatária também se envolver com essa ficcionalidade presentificada, elevando, por fim, o inexistente a uma realidade objetiva, quase corpórea (2017, p. 270). Todavia, Campos é apenas o ponto mais claro ou o catalisador da fragilização da separação firme entre realidade e ficção que se dá ao longo de quase toda a troca de cartas entre Fernando e Ofélia. Basta recapitularmos como desde o início a questão da sinceridade amorosa logo se converte em questão de sinceridade poética, em pedidos de simulação de carinhos, fingimento das emoções. Ou como muita intensidade é gasta ponderando a realidade/presença ou não de interlocutores, pretendentes, aliados e opositores ao romance. E que já no começo das cartas a figuração do Sr. Crosse, não só apresenta um para além do "Pessoa ele mesmo", como chama Ofélia a também se alterar enquanto figura desse amor. É essa dinâmica que nos parece ser necessária de destacar em conjunto.

É certo que, por exemplo, apelar ao acaso ou à sorte nos concursos de charadas através

de um pseudônimo indica bem mais a improbabilidade do que o engajamento em se casar. Não obstante, não deixa mesmo assim de se apresentar como compromisso amoroso, próprio das elocubrações passionais, como se já em outro plano o relacionamento se destinasse. Um plano em que Ofélia não se furta de deliberada e imediatamente atuar também, cristalizando sua consistência. Isso, no entanto, não joga apenas o Fernando para uma outra figuração de si, mas também a Ofélia. Porque, afinal, a diferença entre eles nas cartas e no romance não é entre um que ficcionaliza seu eu enquanto a outra reitera a realidade de seu. Como argumenta Mangabeira conjugando teorias de Simmel e Sartre:

(...) o amar se torna uma unidade enquanto síntese entre o sujeito emocionado e o objeto emocionante no ato próprio de amar, surgindo um fenômeno, um ser específico. O amor cria, portanto, tanto o seu objeto como produto original através de uma existência única e complexa, multifacetada porém indecomponível, quanto o amante sujeito do amor, que passa a existir de uma maneira diferente do que era antes. Como categoria primordial, o amor transcende o sujeito e o objeto do amar, intrincando ambos em uma relação sintética cujas existências e conexões dos e entre os amantes é absolutamente unitária, única, impossível de decomposição. Passa-se a uma outra existência, conforme defende Sartre, e o mundo se transforma, desnudando-se, por exemplo, através do uso de diminutivos, pronomes possessivos, erotismo e promessas de Fernando e Ofélia que são, em si, o amor concretizado no diálogo epistolar. Fernando e Ofélia já não são os mesmos de antes, sendo o que são, na relação, porque amantes, uma modificação integral da sua existência no mundo. (2016, p. 40-41).

A diferença, então, é que na passagem a esse “ser específico”, esse outro plano de existência instalado nas cartas, o Fernando se ficcionaliza em pluralidade, enquanto Ofélia se ficcionaliza buscando sua unidade. Pode-se considerar que o gesto de Pessoa fere assim a própria

ética envolvida na escrita de cartas amorosas, mas o fato é que estavam ambos naturalmente instrumentalizando esse plano amoroso concreto de ficção para costurarem seus respectivos planos de realidade: Ofélia buscando pela sua unidade do eu a interpolação do amor das cartas no compromisso social do casamento, Fernando buscando pela pluralidade do eu a interpolação do amor cartográfico no seu compromisso poético de escritor. É esse descompasso gradativo, esse desequilíbrio, que não só preconiza o inevitável desenlace do relacionamento, mas também que põe em operação o que José Gil chamou de “máquina de amor” dessas cartas: o fazer mesmo da consistência desse plano ficcional e fadado ao término, mas não menos intenso e real por isso.

O fado inelutável, que por vezes os próprios amantes em questão mencionam, não está, porém, no elemento ficcional, mas em como nesse elemento ficcional o Fernando vai se escapando; e não por menos ou por falta de amor, mas talvez por ser a maneira com que ele conseguia amar na interpolação dos planos. O maquinário ficcional do plano de existência desse amor redobra o “drama em gente”, compondo sobretudo “[...] um personagem ortônimo de fingida banalidade, que mal esconde a ausência fundamental do “eu” (TABUCCHI *apud* LOURENÇO, 2017, p. 263). O que não passa despercebido sequer por Ofélia, que em graça ironista chega a endereçar uma das cartas não ao Fernando ou Nininho, mas ao *Monsieur Ferdinand Personne*. Paradoxalmente, é então essa real ausência do sujeito ao plano ficcional estabelecido na troca epistolar – de forma ainda mais descarada nas cartas da segunda fase – que desmancha e dá termino ao plano, não à sua ficcionalidade.

Perrone-Moisés assentia que as cartas eram o próprio namoro contrastando este com a quase nulidade dos acontecimentos fora das cartas, porque ela se limitava à perspectiva de

que a “[...] carta, como gênero escrito, obedece implicitamente a regras de persuasão, e a persuasão de sinceridade, numa carta afetiva, é o imperativo maior.” (2000, p. 178). Já Mangabeira, por outro lado, assente também que não se trata de cartas de amor, mas de cartas que são o amor, porém, partindo das questões que permeiam a escrita etnográfica, confronta a limitação da lógica persuasiva nessas cartas. Se justamente por se tratar de amor, ainda mais desse amor específico que elas instalam, ocorre de estabelecer um “ser específico”, um plano de existência que submete necessariamente tanto Fernando quanto Ofélia a uma nova realidade de si nesse plano, então não se trata apenas de persuasão de uma parte a outra, mas de um efeito cosmológico capaz precisamente de abrigar esses outros reais em suas articulações (2016, p. 44). Afinal, nunca se tratou somente de vincular Fernando à Ofélia, e vice-versa, mas de vincular de forma autônoma as novas experiências de um e de outro, que não eram passíveis de previsão por mera comparação entre eles desarticulados individualmente. Ao contrário, é pelo novo plano cosmológico criado que a disparidade inicial de cada qual não só se transforma como toma os dados iniciais como parte essencial da realidade nova.

Por fim, convém ainda observar um elemento nessa questão muito relevante tanto para o que já apresentamos neste artigo quanto para o que passaremos a apresentar na sequência. Essa passagem de planos que transforma a realidade experienciada do mundo, por ser movida por uma síntese emocional que fundamenta sua instauração ficcional concreta, não só passa em revisão o problema pessoano dos heterônimos junto à suposta desordem psíquica como aponta para a sua efetivação segundo as leis particulares da magia – conforme a articulação sartriana que Mangabeira organiza.

O *mundo mágico*, consequência da transformação do *mundo determinado* pela emoção, cons-

titui um *mundo da emoção*, tal qual se fala em um mundo do sono ou da histeria. A categoria *mundo* traduz as ‘sínteses individuais que mantêm entre si relações e que possuem qualidades’ (Sartre 2009: 81). Já a categoria *mágico* é uma estrutura existencial que ‘rege as relações intersíquicas dos homens em sociedade e, mais precisamente, nossa percepção de outrem [...]’.

(...) a emoção não é uma atitude accidental do sujeito mergulhado em um mundo sem alterações. Há, de fato, na apreensão emocional do objeto, sua síntese com o sujeito emocionado e uma alteração total do mundo. Todas as estruturas do mundo determinado são destruídas e uma nova atitude – emocional – se torna necessária para o novo mundo mágico que se compôs. A emoção, longe de ser uma desordem da ordem psíquica, possui uma significação que aparece como novo modo de existência, uma realização da realidade-humana, afetiva, uma transformação do mundo. (2016, p. 41, grifos do autor).

Cartas astrais

Se voltamos então à carta de Casais Monteiro, encontramos efetivamente as afirmações pessoais de que seu “drama em gente” não se resumia a convencer ou persuadir ninguém da existência poética de um Caeiro ou Campos, mas era fundamentado por uma cosmológica “tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente”. Não se furta a afirmar o “espaço incolor mas real do sonho”, onde vê concretamente as caras e os gestos da sua gente, onde eles interagem inclusive biograficamente.²³ Por outro lado, se ali Pessoa insiste nos acercamentos psiquiátricos é possível considerarmos novamente mais um exercício de criação da sua ortonímia, uma vez que numa infinidade de vezes os seus textos mais teóricos e não epistolares apontam a emoção e a sensação como as pedras de toque das suas instaurações poéticas e heteronômicas – vide, por exemplo, a

²³ Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/3007>.

relação artística íntima que ele estabelece entre expressão, emoção e fenômeno psíquico em *Os fundamentos do sensacionismo*.²⁴ Mas, lembremos, a carta terminava exatamente respondendo ao amigo sobre sua relação com o ocultismo. E sua resposta evidencia o quanto esse tema se vinculava com a grande questão da sua poética. Ela abre com um comentário bastante sumário sobre o que ele assumiria ter por crença, e termina se isentando de qualquer filiação iniciática. Mas, no centro, ele revela que o caminho ocultista que lhe interessa é o “alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade que a *prepara*, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não têm”. (ibid)

Portanto, também o ocultismo seria para o poeta – conforme enfatiza o texto da carta – uma instrumentaria prática nos exercícios de despersonalização ou transmutação, valendo-se efetivamente das leis particulares da magia para a transformação cosmológica do mundo determinado em mundo da emoção. No mesmo sentido que encontramos na teorização sobre as cartas de amor, mas agora em direção oposta: não da emoção para o mágico, mas do mágico para a emoção – isto, é claro, mais por ordenamento discursivo do que por ordem lógica, uma vez que justamente trata-se de outra lógica e pela qual, na prática, emoção e magia se interpenetram. Assim, uma vez conjugadas as cartas explicativas com as amorosas – no sentido mais de criação cosmológica do que de continuidade histórica ou pessoal –, propomos avançarmos um *outramento* a mais, já não apenas dos que escrevem e recebem cartas, como das próprias cartas: das epístolas aos mapas astrais.

Como vimos, além do comentário alquímico na carta a Casais Monteiro aparece a questão de fundo astrológico do “dia triunfal”, 8 de

março de 1914. De fato, é por essa época que o poeta parece ter chegado a considerável domínio das técnicas de montagem e interpretação astral. Surge nada menos que um semi-heterônimo astrólogo de nome Raphael Baldaya e, ainda mais surpreendente, em 1915, Pessoa chegou a publicar anúncios nos jornais oferecendo os serviços de Baldaya, contendo inclusive uma tabela de preços.

Essa simultaneidade entre a fundação do “drama em gente” propriamente heteronímico e a confiança pessoal no trabalho astral não parece nada fortuita. Pois, aqui novamente encontramos o poeta operando entre a (auto)biografia e a despersonalização, mas agora de forma surpreende com essa instrumentalidade mágica que ele descobre. Suas cartas à mão e estudos astrais conservados nos papéis da arca comprovam o quanto ele se dedicou laboriosamente a determinar com rigor o seu mapa natal mais ajustado, isto é, com a hora “correta”, sobretudo com a “interpretação” mais apropriada ou simplesmente mais estimulante ao seu projeto poético. Primeiro, fazendo o que se chama “retificação de mapa”, isto é, o ajuste da hora correta para o mapa de uma pessoa que não tem a informação precisa. Trata-se, portanto, de um esforço eminentemente biográfico, de ajustamento do mapa natal às efetivas ocorrências mais marcantes da vida do consulente.

Estes três documentos constituem um testemunho extraordinário, pois todos os comentários de Pessoa confirmam que, quer a data dos acontecimentos, quer a qualidade mais positiva ou mais negativa dos mesmos, quer ainda a área de vida abrangida, se verificaram de acordo com a técnica de prognóstico usada. Considerando as várias expressões de admiração do autor ao longo de toda a listagem, este exercício deve ter tido um impacto muito forte na maneira como ele encarou a astrologia e as suas potencialidades. Além do mais, estas páginas constituem uma espécie de autobiografia contada através das sucessivas posições da

²⁴ Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1941>.

Lua no horóscopo pessoal do nativo. (CARDOSO *apud* PESSOA, 2011, p. 55).

Paradoxalmente, essa mesma confirmação admirada do plano astral em geral, e da sua biografia cartográfica em particular, o sujeita novamente à questão da despersonalização. É também em 1915 que Pessoa ele mesmo, se apresentando como "estudante de astrologia", escreve carta a um editor inglês de livros do tema solicitando os dados necessários para a montagem precisa do mapa de nascimento de Francis Bacon. Mas, o que importa sobremaneira é a justificativa que o poeta registra:

O interesse principal surge do desejo de ver o que no horóscopo de Bacon registra sua característica peculiar de ser capaz de escrever em diferentes estilos (...) e sua faculdade geral de *transpersonalização*.

Eu possuo (em que grau, ou com que qualidade, não me cabe dizer) a característica a que me refiro. Sou escritor, e sempre achei impossível escrever em minha própria personalidade; sempre me encontrei, consciente ou inconscientemente, assumindo o caráter de alguém que não existe e através de cuja agência imaginada escrevo. Desejo estudar ao que isso pode ser atribuído por posição ou aspecto (...). (PESSOA, 2011, p. 39, grifo nosso).²⁵

Mesmo uma abordagem extremamente superficial dos mapas diagramados por Pessoa já permite vislumbrar como ele identificava essa sua característica astral nele mesmo. O poeta nasceu com o Sol, índice astrológico de vitalidade e identidade, no signo dos gêmeos, isto

é, dos duplos, e especificamente na chamada Casa 8, marcada pelas circunstâncias e processos de transformação profunda, de divisão dos seus recursos com os outros, sobretudo a casa do ocultismo e das tendências ao psiquismo. Num dos livros da sua biblioteca, encontramos sublinhado o seguinte trecho referente à Casa 8: "Também tem relação com certas formas de mediunidade e ocultismo, geralmente do tipo prático." (LEO, 1912, p. 195).²⁶ A grande conjunção, por exemplo, do referido "dia triunfal" faz um trânsito difícil (quadratura) exatamente com este Sol natal de Pessoa: grande ebulição criativa na Casa 5, mas tendo por obstáculo a ser superado a identidade solar.

É curiosíssimo, por fim, que Pessoa não fez mapas apenas para si e para os que lhe solicitaram, mas em grande parte sobre muitas figuras históricas, especialmente escritores. Era um modo de, por comparação mecânica e interpretativa, criar analogias entre ele mesmo e seus autores de referência. Em alguns casos, essa prática chegava mesmo a dar consistência ao plano de despersonalização de Pessoa, mas em multiplicação de camadas. Novamente, são exemplares seus estudos diligentes sobre o mapa de Shakespeare, seu herói da despersonalização. Com técnicas e cálculos rebuscados, ele observou que o mapa de Shakespeare aos 52 anos (idade com que morreu) tinha umas tantas similaridades com o seu próprio horóscopo natal: "o meu Sol [está] no [grau do] Meio do Céu [d]aqui e no mesmo local do Sol na [sua] morte" (PESSOA, 2011, p. 100). Com base nessas técnicas calculadas para o Sol da hora da morte, Cardoso sugere, através de uma anotação de Pessoa, que ele teria chegado a projetar uma passagem de Dante a Shakespeare, e de Shakespeare a ele mesmo (*ibid*, p. 103-104).

25 No original: "The chief interest arises from a desire to see what in Bacon's horoscope registers his peculiar characteristic of being able to write in different styles (...) and his general faculty of transpersonalisation. I possess (in what degree, or with what quality, it is not for me to say) the characteristic to which I am alluding. I am an author, and I have always found it impossible to write in my own personality; I have always found myself, consciously or unconsciously, assuming the character of someone who does not exist, and through whose imagined agency I write. I wish to study to what this may be due by position or aspect (...)."

26 No original: "It also has relation to some forms of mediumship and occultism, generally of a practical executive kind". Disponível em: https://biblioteca-particular.casafernandopessoa.pt/1-94/2/1-94_mas-ter/1-94_PDF/1-94_0002_122-232_t24-C-R0072.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

Até aqui já parece suficiente para assumirmos que de fato as leis particulares da magia – neste caso, astral – também são instrumentalizadas na concretização de um plano ficcional de existência em que se interpenetram a todo momento o gesto (auto)biográfico e o gesto despersonalizador, o que Pessoa mesmo cunhou de “transpersonalização”. Um plano em que Pessoa não só podia se reconhecer e se transformar em poeta junto aos grandes, como se transformar no poeta despersonalizante que ele almejava e sonhava. Porém, ele leva essa instrumentalidade mágica e planificadora aos seus extremos: ao longo dos anos, ele cuidadosamente elabora em detalhes mapas natais também para cada um dos seus heterônimos. Seria possível toda uma longa explanação pela interpenetração de ressonâncias astrais que Pessoa criou entre os mapas dele próprio, e de Caeiro, Reis e Campos. Porém vamos nos ater aqui somente aos elementos envolvidos na polaridade biografia-despersonalização.

Se no mapa do ortônimo, o Sol da identidade pessoal está em gêmeos na Casa 8, ele calcula e desenha o mapa dos outros três heterônimos para que tenham todos o planeta Mercúrio – deus intérprete, ligado aos processos de comunicação e articulação –, na já mencionada casa dos processos de transformação. Caeiro, que escrevia “por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever” o tinha no signo do Carneiro e em oposição ao planeta Urano – deus de criatividade impensada, rompante, radical – na entrada da Casa 3 (primeiras instruções, e comunicação). Reis o têm no signo mais técnico e ligado ao equilíbrio abstrato, a Balança avultando seu entendimento de língua morta e sua cultura passadista de “latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria”. Curiosamente, num jogo todo bem pesoano, o também latinista Campos tem o seu Mercúrio no mesmo signo e casa de Reis com

apenas um grau de diferença. Mas enquanto esse Mercúrio oferece distinções a cada um dos envolvidos no drama em gente, ele também estabelece a afinidade que os une, uma pela despersonalização ou transpersonalização. É que se Pessoa se põe em devir tendo o Sol na Casa dos processos transformativos, despersonalizando-se em alteridades ou em outras pessoas literárias, deve-se ressaltar que os seus inexistentes literários não ficavam atrás: apenas só precisavam despersonalizar-se em outras escritas, outras obras, tendo, em vez do Sol, o Mercúrio na 8.

O entendimento corriqueiro é que a astrologia, com suas paisagens individualizadas em mapas de nascimento, expressa uma bem resolvida e desenhada identidade pessoal e até uma linha bem estabelecida de destino. Ora, os heterônimos pessoanos com seus respectivos horóscopos não podem ser entendidos assim, posto que aquilo mesmo que os caracteriza enquanto heterônimos não é exatamente a resolução de identidades independentes da do Pessoa ortônimo, mas sim um conjunto de singularidades diferentes das do ortônimo em se fazerem outros também.

Duas condições devem ser satisfeitas para que se constitua o dispositivo heteronímico: 1. que a esfera de cada heterônimo seja suficientemente ‘plástica’ para que o sujeito do devir aí possa desenvolver as suas capacidades de metamorfose; 2. que essa esfera comporte também o contrário desse sujeito: um eu fixo e unificador. (...) É característica própria do heterônimo conter em si – ou definir-se por – estes dois polos. É preciso que uma unidade macroscópica seja dada no heterônimo: é preciso que ele tenha um nome, um caráter, uma biografia. Isso é condição para que se possa realizar a desestruturação do eu e, ao mesmo tempo, o devir-outro e a criação literária. (GIL, 2018, p. 168-169).

As “biografias” astrais que Pessoa criou, desdobrou e insistiu como partes do “drama em gente” não chegam jamais a congelar uma

identidade ou personalidade literária numas tantas propriedades ou características, mas sustentam o polo contrário e necessário à plasticidade do devir dos seus sujeitos poetas, capazes de formar outros poetas. Assim, no bojo deste artigo, o que nos importa salienta é que esse recurso criativo mágico-poético de Pessoa não operava apenas a sua reinterpretação como próprio sujeito, escritor, e ortônimo, nem se limitou a consubstanciar mais um pouco os heterônimos inexistentes. O mais alto feito desse operativo é o de planificar a entreação dos envolvidos. Isto é, assim como vimos nas cartas de amor e mesmo nas cartas explicativas, trata-se de consubstanciar um plano de existência do drama em gente; um plano ficcional, mas concreto porque capaz de estabelecer um "ser específico" cosmológico que transforma as partes envolvidas valendo-se dos dados iniciais – as obras escritas e as efetivas posições e tempos planetários – como essenciais à nova realidade.

O mais importante é que vimos nestas páginas como podemos encontrar planos de existência sendo compostos de modo ficcional, mas não menos reais por isso. Afinal, como enfatiza Mangabeira – tomando o pensamento de Vaihinger – ficção não tem apenas o sentido inventivo, imaginativo, mas também pragmático enquanto instauração de realidade. O próprio Caieiro numa das suas mais famosas lições aos seus discípulos ensinava que a realidade não é mais que uma categoria de medida, como peso ou altura, e que mede sobretudo a diferença que há de haver entre uma coisa real e outra real também, posto que "não se pode ser real sozinho".²⁷

Referências

CAVALCANTI FILHO, José Paulo. **Fernando Pessoa, quase autobiografia**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

²⁷ PESSOA. *Uma das conversas mais interessantes, em que entrou o meu mestre Caieiro*. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/893>.

GIL, José. **Fernando Pessoa, ou a Metafísica das Sensações**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

GIL, José. "A máquina de amor de Ofélia-Fernando Pessoa". In: **O Devir-Eu De Fernando Pessoa**. Lisboa: Relógio D'Água, 2010. p. 47-63.

JACKSON, K. David. **Adverse Genres in Fernando Pessoa**. New York: Oxford Univ. Press, 2010.

KLOBUCKA, Anna M. "Together at last: reading the love letters of Ophelia Queiroz and Fernando Pessoa". In: SABINE, Mark (ed.). **Embodying Pessoa: corporality, gender, sexuality**. Canada: University of Toronto, 2007. p. 224-241.

LEO, Alan (psed). **How to judge a nativity**. London: Modern Astrology Office, 1912.

LOURENÇO, Mateus. O correspondente extraviado: cartas de amor de Fernando Pessoa. **Pessoa Plural**: 11, p. 255-276, 2017. Disponível em: https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue11/PDF/I11A13.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

GANDRA, Manuel J. **Drama em Gente - Heterônimos e Personalidades Literárias de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Instituto Mukharajj, 2015.

MANGABEIRA, Clark. Amor de Pessoa: ficção, escrita antropológica e amor no diálogo epistolar entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz. **Campos - Revista de Antropologia** v. 17, n. 1, p. 31-48, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/48367/pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MORRIS, Adam. Fernando Pessoa's Heteronymic Machine. **Luso-Brazilian Review**, University of Wisconsin Press, v. 51, nº.2, p. 126-149, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43905326>. Acesso em: 10 ago. 2022.

MOURÃO-FERREIRA, David. "Prefácio". In: **Cartas de amor de Fernando Pessoa**. Lisboa: Editora Ática, 1994, pp.175-214.

PARREIRA DA SILVA, Manuela (org.). **Cartas de amor de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz**. Porto: Assírio & Alvim, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Sinceridade e ficção nas

cartas de amor de Fernando Pessoa. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GOTLIB, Nádia Battella (orgs).

Prezado Senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.175-184.

PESSOA, Fernando. **Arquivo Pessoa.** Disponível em: <https://arquivopessoa.net>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PESSOA, Fernando. **Cartas Astrológicas.** Edição de

Paulo Cardoso, col. com Jerónimo Pizarro. Lisboa: Bertrand, 2011.

PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Recebido em: 10/09/2022

Revisado em: 30/11/2022

Aprovado em: 04/12/2022

Publicado em: 15/12/2022

Antônio Leandro Barros é doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É membro do Grupo de pesquisa Warburg e Renascimentos da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). *E-mail:* tonileo.artista@gmail.com